

## Alegria do intelectual

Vitor Paolozzi

Pepe Casals



Um dos esquetes mais famosos do Monty Python apresenta a disputa de uma final de campeonato envolvendo as seleções da Grécia e da Alemanha. São dois times em campo: os alemães têm um ataque formado por Wittgenstein, Nietzsche e Heidegger (sem falar em Karl Marx, no banco de reservas), enquanto na sólida defesa dos gregos se destacam Platão, Aristóteles e Sófocles. No entanto, a expectativa por um verdadeiro jogo do milênio se frustra tão logo o juiz Confúcio apita o início da partida: totalmente alheios à bola, os jogadores apenas caminham pelo gramado, mergulhados em profunda contemplação.

A piada do grupo inglês (pode ser vista no <http://www.youtube.com/watch?v=QsIXTuhQUCY>) talvez possa fazer justiça no que se refere a alemães e gregos, mas no caso de sociólogos, historiadores, antropólogos e psicólogos brasileiros, não poderia ser mais imprecisa. Longe de constituir mero objeto de pesquisa, o futebol é a alegria do intelectual. Por trás dos sisudos trabalhos acadêmicos que examinam a relação do futebol com os mais variados campos das ciências humanas, sempre há um apaixonado fã e torcedor.

Em geral, as dissertações e teses envolvendo temas ligados ao futebol começam a ser gestadas até décadas antes de o pesquisador saber o que vai ser na vida. "Eu tinha 7 anos na Copa de 70, foi muito marcante. Os vizinhos se juntavam para ver os jogos, era uma grande mobilização. Na fim teve uma festa junina, lembro do céu forrado de balões. Acho que aí é que caiu a ficha do que é aquilo", conta Fátima Ferreira Antunes, socióloga do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e autora de "'Com Brasileiro, não Há Quem Possa!': Futebol e Identidade Nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues".

Caso raro de mulher que se interessava por futebol na época de Tostão e Pelé, Fátima conta que na adolescência não bastava ir com frequência aos estádios: "Teve uma época com jogos à tarde em dia de semana. Eu levava um radinho de pilha na escola e deixava embaixo da carteira. Quando a professora não olhava, eu tentava ouvir o jogo".

Da mesma forma que Fátima, o sociólogo Ronaldo Helal, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e autor de "Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil" e "A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria", também foi iniciado pelo pai nos estádios. A diferença, capaz de matar de inveja qualquer guri, era que o pai ocupava um cargo na diretoria do Flamengo, o que propiciou grande intimidade com um elenco em que se destacava o craque Zico.

O contato com o Galinho de Quintino acabou sendo algo difícil de lidar, para Helal: "Houve uma certa esquizofrenia, ser amigo de um cara que era meu ídolo. Cheguei a escrever uma carta para o Zico, dizendo que tinha muita dificuldade de estar próximo dele, porque ele era meu ídolo dentro do campo e fora do campo frequentava a minha casa". Anos depois, o antigo herói figuraria em seus estudos sobre mídia, idolatria e cultura popular.

Aos 5 anos, Mauricio Murad estabeleceu como objetivo de vida tornar-se jogador de futebol. Mas bateu na trave: "Eu não jogava mal, não. Cheguei a treinar no Botafogo por um ano. Só

que não tive grandes chances, não saí do banco e isso me chateou. Fiquei frustrado e resolvi abandonar. Hoje eu lamento". Se não deu para ser o herdeiro de Garrincha, pelo menos o futebol se integrou à carreira do professor da Uerj e da Universo e autor dos livros "Dos Pés à Cabeça: Elementos Básicos de Sociologia do Futebol" e "A Violência e o Futebol: dos Estudos Clássicos aos Dias de hoje".

"É uma paixão que vou reciclando a cada fase da minha vida. Quando me tornei acadêmico, passei também a pesquisar o futebol e seu sentido cultural, histórico e sociológico", conta. Aos 60 anos, Murad ainda cultiva um hábito de criança: "Até hoje, quando jogo botão com meu filho de 13 anos, narro as partidas. Eu me entusiasmo tanto que às vezes tenho que me controlar, quando vejo que estou competindo muito".

O historiador Hilário Franco Júnior, professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP) e autor de "Futebol, Sociedade e Cultura", revela que matava aula para acompanhar jogos do São Paulo e enganava os pais. "Dizia que ia estudar na casa de um amigo e ia para o Pacaembu." Aos poucos, o menino passou a olhar para o futebol "de uma maneira um pouco diferente", procurando entender os motivos que levavam à vitória ou à derrota. Com o tempo, a curiosidade foi se transferindo para os aspectos antropológicos.

Mesmo sem se definir como um típico torcedor, Franco Júnior não consegue evitar o lado negro do futebol, a dor que se segue às grandes derrotas. "Fico chateado, dá aquela vontade de ficar quieto um tempo, de nem ouvir falar em futebol. Tento de alguma maneira desviar a atenção para o trabalho ou alguma outra atividade", diz.

Além de sofrer com as derrotas no campo, os pesquisadores também precisaram se acostumar com algumas caneladas dentro das próprias universidades, na forma de preconceito contra um "tema menor". Atualmente, porém, isso parece tão condenado ao passado quanto camisa de time sem patrocínio. "Às vezes eu ouvia algum sarcasmozinho de colegas e de professores também. Mas a história deu a volta por cima", conta Fátima Ferreira Antunes. Segundo Helal, a situação começou a mudar na virada das décadas de 70 e 80, quando o antropólogo Roberto DaMatta lançou os livros "Carnavais, Malandros e Heróis" e "O Universo do Futebol". "O DaMatta veio dizer que estudar as informalidades do Brasil era uma maneira de conhecer a nossa cultura", afirma Helal. Essa é, para Murad, a maior contribuição do futebol para as ciências sociais. "O grande ganho foi a valorização de futebol, carnaval, samba e capoeira como elementos tradutores do Brasil."

O avanço do futebol como objeto de estudo pode ser medido por uma consulta à base de dados das bibliotecas da USP. Enquanto o total de dissertações e teses vinculadas a futebol em toda a década de 90 ficou em 17, na atual década o número quase triplicou, chegando a 49. "O processo que vejo hoje em relação ao futebol é o mesmo que vi há 20 anos com a história medieval. O futebol já entra numa dinâmica de funcionamento como qualquer outra área que tenha suas publicações, encontros acadêmicos e cursos", afirma Franco Júnior.

A preocupação, agora, é evitar que os pesquisadores partam com tudo para o ataque. "Tenho muito cuidado nos congressos para nunca deixar descambar para a paixão dos times. Quando alguém começa a falar que fulano é melhor que beltrano, que o time foi roubado... eu paro na hora e digo: esse tipo de discussão é para o botequim", diz Helal.

**Fonte: Eu & fim de semana, São Paulo, ano 11, n. 501, p. 26-27, 28, 29 e 30 maio 2010.**